

## **Texto para catálogo de Mostra de Arte da Juventude [MAJ] - SESC Ribeirão Preto**

**Curadoria: Ana Roman e Marcelo Amorim (2019)**

**Jurados: Ana Roman e Marcelo Amorim**

antemanhãs

ana roman e marcelo amorim

A curadoria de um salão como este é permeada por desafios. O primeiro deles é realizar uma seleção de artistas dentre a diversidade de trabalhos inscritos. Como se trata de jovens, tal seleção também passa por analisar a maturidade e a potencialidade desses artistas que, ainda em início de carreira, apresentam trabalhos complexos, em termos de forma e de conteúdo, e múltiplos.

É sintomático que nesse momento surja a imagem do super-herói nas propostas de alguns dos artistas. Tal imagem é recorrente em momentos de crise e representa um desejo escapista da aparição de um herói que venha nos salvar. Mas a precariedade com que os artistas constroem esse herói não deixa dúvida de que se trata de miragem. Em **CAPITÃO BRASIL**, de Vicente de Lima, a capa do herói tremulando em seu glorioso voo é apenas uma sugestão provocada por uma telha ondulada de amianto. O nome do herói surge escrito em purpurina: Capitão Brasil. Seria o ansiado voo que levaria o país finalmente para o futuro?



**VISTA DA EXPOSIÇÃO\_FOTO: ILÊ SARTUZI**

No outro trabalho do mesmo artista reunido na mostra, apresenta-se a mesma imagem: em uma tela 10 x 15 cm intitulada **Transformer** - personagem criado por uma indústria de brinquedos, um robô alienígena capaz de transformar seu corpo em objetos como veículos. Assim como o personagem cuja forma se alterna, a pintura transita entre abstração e figuração.

Em **A sala de espera do Robin**, Matheus Souza também nos coloca diante da imobilidade e decadência de um herói: em um ambiente doméstico de tons acinzentados, não há super-herói, mas vassoura, pá e uma cadeira à espera. A pintura é, para nós, transformada em frame de um longo tempo que se arrasta no cinza do espaço. É muito improvável que nesse cenário de espera venha a surgir algum herói.

Para Fabio Menino, em **Táticas de comércio Boneco Biruta**. Como uma flâmula, o boneco de posto retratado no quadro vence a pressão do ar e se movimenta. A poética de Fábio Menino recai sobre objetos de consumo banais e nas estratégias populares de publicidade: o artista apropria-se dos mecanismos de compra e venda e subverte-os na linguagem da pintura. Diante de tantos super-heróis, o boneco de posto, com toda sua precariedade, revela sua potência. Talvez esse super-herói, pelo qual não esperamos, mas que está sempre lá, seja aquele que nos salvará.

Enquanto nosso herói não chega, nessa longa espera, buscamos entender a situação em que vivemos e tomar posições frente a ela. A *Marcha*, de Talles Lopes, nos propõe um deslocamento espacial: no planisfério desenhado pelo artista há uma clara deformação. Ao tensionar as relações espaciais do mapa, Talles nos relembra a arbitrariedade e violência impostas durante o processo colonizador português e, posteriormente, relativas ao processo conhecido como *Marcha ao Oeste* durante o Estado Novo.

Em *Cor de Pele*, de Ana Hortides, branquitude e negritude são confrontados em suas múltiplas escalas de preconceitos e desigualdades. Ana interessa-se pela escala diminuta, mas também pela composição dos diversos corpos: há, de longe, uma multidão cuja distinção é a cor e, por outro lado, o corpo materno que origina cada uma dessas crianças é invisibilizado e esquecido.

Na performance *360° de Amador e Jr Segurança Patrimonial Ltda*, invisibilidade e vigilância convergem. De costas um para o outro, os dois performers vestidos como seguranças podem apreender o ambiente todo e garantir sua visão completa, afinal é esperado nos ambientes institucionais a vigilância: o guarda deve ver para alertar e repreender comportamentos inadequados que podem pôr em risco a integridade das obras. Por outro lado, a própria performance corre o risco de desaparecer aos olhos dos visitantes. Assim como o mobiliário expositivo, bases, bancos, vitrines não são percebidos como parte das obras, existe um acordo tácito de tomar os vigilantes por invisíveis.

A questão da visibilidade também surge na insistência de Julia Pereira em produzir pinturas parecidas a retratos, mas nas quais o rosto nunca se materializa. Ao anular as feições do rosto o que se põe em evidência é o corpo e suas pulsões, assunto comumente evitado que a artista parece propor que enfrentemos. Uma ideia de apagamento das identidades também comparece nas pinturas de Heloisa F Pajak. A artista sempre opta por borrar os rostos, nos fazendo perceber a recorrência dos gestos, das poses feitas, do que está por trás da fotografia vernacular: uma institucionalização da própria vida.

Como recurso de memória e de inventário, há os trabalhos da dupla *Tangerina Bruno*, um cotidiano encenado é extensamente registrado. O duo se utiliza da própria imagem registrada em foto para criar complexas pinturas, cheias de detalhes que parecem remeter a estados de consciência. Tendo como pano de fundo um cotidiano banal, é a própria imaginação dos irmãos que, através de suas encenações, a pretexto de criar pinturas, se infiltra nas suas vidas animando e preenchendo com significados seus dias e horas.

Em *Aparecimento*, Carolina Marostica sintetiza escultoricamente uma espécie de corpo celular, cuja cor e a composição nos remetem a um universo plástico e artificial. Marostica, em um fazer semelhante ao de um cientista, concebe esse estranho corpo que sobrevoa o espaço expositivo. O corpo parece surgir em uma reação química incontrolável e tomar o espaço, em um jogo entre transparência e opacidade.

O tensionamento entre artificialidade e organicidade está também presente no trabalho *Colunas (cabeças)* de Ilê Sartuzi. Um totem, elemento historicamente atribuído pelo pensamento ocidental como objeto cerimonial e marco identitário para culturas indígenas, é construído pelo artista, utilizando-se de cabeças sintéticas, produzidas a partir de um manequim. Ao nos depararmos com esse objeto, nos questionamos sobre nossos objetos de adoração contemporâneos e sobre a multiplicação de corpos-prótese que, cada vez mais, mediam nossa relação com o mundo.

Em *Seiza e Casa*, de Daniel Higa, o corpo também se presentifica. Em *Seiza* a postura de manter-se sentado com a coluna ereta e controlar a respiração é atingida pelos fragmentos de espuma que formam um corpo sem cabeça. Em *Casa* há um gesto que parece quase improvisado pelo artista: o

universo doméstico, onde habita o corpo, invade o espaço da exposição. O dentro e fora - de casa, do corpo - se relativizam pelo gesto de Higa.

Catarina Sabino interessa-se também pela ambiguidade entre o espaço externo e interno. Em Pessoas que amam viram montanhas o traço da artista nos mostra uma paisagem de mares de morros nos quais um corpo se funde e, ao mesmo, forma a paisagem que estamos vendo. O tempo tem centralidade no trabalho da artista: o tempo geológico, no qual se formam as montanhas, parece engolir o tempo da vida humana, transformando-o em grãos de areia e terra.

A relação entre tempo e paisagens de dentro e de fora são também matéria-prima para os trabalhos de Lucas Naga. O traço preciso contido nas gravuras em metal revela uma experiência de extensão do tempo. Não há espaço para rapidez nas gravuras de Lucas, mesmo quando o artista retrata uma cena de balada ou um carro em movimento. Há uma solenidade e calma daquele que observa e retrata a cidade. Em 66 pregos, 78 segundos, de Rodrigo Arruda, a queda dos pregos materializa o passar do tempo. Após um tempo inicial, há um claro descompasso. O tempo se coloca, de alguma maneira, como uma entidade impossível de controlar e que, ao mesmo tempo, possui interessante plasticidade.

É um alívio perceber na produção destes jovens criadores que em um mundo de oferta multiplicada que tende a embotar nossos sentidos, com todo seu excesso de palavras de ordem, imagens complacentes e superficiais, o que vemos aqui é um chamamento para a reflexão, a sutileza e um convite para profundidades. Abra-se para escutar o som dessas obras, manter-se sensível é também um posicionamento político.